

# DO TRIO ELÉTRICO AO ELETRÔNICO: ASCENSÃO DA MÚSICA ELETRÔNICA NO CARNAVAL DE SALVADOR

## **Autora**

Ana de Almeida Andrade

## **RESUMO**

O presente artigo, através da metodologia de pesquisa bibliográfica, analisa a trajetória da música do carnaval de rua de Salvador, e demonstra como a mesma nunca esteve fechada a avanços tecnológicos e influências externas. A partir da inovação da guitarra baiana e do trio elétrico em 1950, com suas influências do frevo, samba e chorinhos, procura-se descrever como a música soteropolitana carnavalesca chegou na sonoridade de bandas como Baiana System, que incorporou fortemente a música eletrônica em seu repertório. O movimento da Axé Music também não dispensou a rápida utilização de teclados e sintetizadores modernos. A cultura experimental atendida dos músicos e artistas do carnaval de Salvador, impulsionados por novos equipamentos e tecnologias, bem como a popularização dos meios de produção musical, criaram uma nova estética pós-axé music.

## **PALAVRAS-CHAVE**

música eletrônica; carnaval; trio elétrico.

## **ABSTRACT**

This article, through the methodology of bibliographical research, analyzes the music played on the Carnival of Salvador, Bahia (Brazil), and demonstrates how it has never been indifferent to technological advances and external influences. From the innovation of the typical electric guitar of Bahia, and the electric trio in 1950, with their influences from frevo, samba and chorinhos, this research describes how this carnival music arrived in the sound of bands like Baiana System, which strongly incorporated electronic music in their repertoire. The Axé Music movement also made rapid use of modern keyboards and synthesizers. The attuned experimental culture of Salvador's carnival musicians and artists, driven by new equipment and technologies, as well as the popularization of music production means, created a new post-axé music aesthetic.

## **KEYWORDS**

electronic music; carnival; electric trio.

## 1. INTRODUÇÃO

A música do carnaval de rua de Salvador sempre esteve sob a constante influência de avanços tecnológicos e novas sonoridades. A capital baiana é o palco do maior carnaval de rua do planeta<sup>1</sup> e, em 2020, Salvador recebeu mais de meio milhão de turistas durante os seis dias oficiais de festividades, o que lhe garantiu uma receita de 1,25 bilhão de reais<sup>2</sup>. E no centro desta festa colossal está a música, sem a qual é difícil imaginar a própria existência do carnaval.

O presente artigo discorre sobre as diversas influências musicais do carnaval de Salvador, com o enfoque nos avanços tecnológicos e na música eletrônica. Desde o surgimento da guitarra baiana e do trio elétrico, cuja inovação foi crucial para a formatação

1. Enquanto o Rio de Janeiro mantém o recorde de maior Carnaval, Salvador segue como o maior carnaval de rua do mundo (LARGEST STREET CARNIVAL, 2022)

2. Como resultado, o fluxo turístico no período de 20 a 26 de fevereiro de 2020, em Salvador e entorno, foi de aproximadamente 635.691 (seiscentos e trinta e cinco mil, seiscentos e noventa e um) turistas, que geraram uma receita de aproximadamente R\$ 1,25 bilhão (R\$ 1.252.292.821,31).” (BAHIA, 2020).

do que hoje é a festa de carnaval em Salvador, a capacidade de projeção da música tocada atingiu novos patamares. Nesta época tocava-se com forte influência do frevo e das marchinhas, adaptados a uma nova instrumentação e formação. A partir de então, muitas novidades foram se somando à música de carnaval de Salvador, como novos timbres, distorções, efeitos, pedais, sintetizadores etc.

Cinquenta anos após o surgimento do Trio Elétrico, a música eletrônica assume pela primeira vez os holofotes no carnaval soteropolitano no ano 2000: a convite de Daniela Mercury, os DJ Mau Mau e DJ John Carter sobem ao Trio Tecno. E em 2020, o DJ goiano Alok, com a mega estrutura do seu trio independente, foi uma das atrações mais aguardadas de toda a festa.

Assim, a música do carnaval de Salvador está em constante adaptação e demonstra abertura para receber novos estilos musicais e tecnologias, o que incentiva a criação e desenvolvimento de uma música de carnaval única.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 MÚSICA ELETRÔNICA

Primeiramente, e para que não haja qualquer confusão, é necessário fazer a distinção entre a música eletrônica, *per se*, e outros formatos musicais que se utilizam de meios elétricos, ou mesmo eletrônicos, mas não são categorizados como “música eletrônica”.

Por um lado, a eletricidade lida com elementos do mundo físico, enquanto a eletrônica lida com *informação*. Em um instrumento *eletroacústico* há a vibração, no mundo físico, de alguma materialidade (e.g. uma corda), e o resultado auditivo desse movimento é amplificado por meios elétricos. É o caso do *Fender Rhodes* e da guitarra, inclusive a guitarra baiana.

No caso de um instrumento *eletrônico*, não há no mundo físico nada a ser amplificado. É através de um mecanismo eletrônico que uma informação é sintetizada em ondas sonoras. Assim, o som é criado no mundo físico a partir de informações eletrônicas. *Theramin*, sintetizadores digitais e computadores são exemplos desta tecnologia.

Comumente, encontra-se a definição de que música eletrônica é toda música criada ou modificada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos (COSTA, 2011, p. 30).

No entanto, a música eletrônica não se limita a ser a música produzida apenas por esses instrumentos. O fato de uma obra utilizar um timbre de contrabaixo sintetizado não a transforma necessariamente em música eletrônica. Afinal, “uma música cujos arranjos possam ser adaptados para formações não eletrônicas ou construída através da realização de imitações de instrumentos musicais acústicos pelos sintetizadores não pode ser chamada de eletrônica.” (MICHAJLOWSKY, 2014, p. 56).

## 2.2 ASSIM NASCEU O TRIO ELÉTRICO

O Trio Elétrico nasce em 1950 quando Dodô e Osmar<sup>3</sup> colocam amplificadores alimentados por geradores e conectados aos seus instrumentos em um carro Ford Bigode 1929 para desfilar na Avenida Sete de Setembro (RIBEIRO, 2011, p. 39).

3. Adolfo Antônio do Nascimento e Osmar Álvares Macedo.

Para a construção desses instrumentos tiraram a inspiração de uma apresentação do violonista Benedito Chaves, que utilizava captadores elétricos em seu violão. Em busca de resultados semelhantes, a dupla inovou ao retirar o corpo de seus instrumentos de corda, para que conseguissem evitar a microfonia causada por ele na captação eletroacústica. Com a amplificação do som gerado apenas pelo braço do instrumento estava inventado o “Pau Elétrico”, mais tarde batizado de guitarra baiana<sup>4</sup>.

O estilo musical tocado era uma mistura de frevo, fortemente influenciado pela sonoridade do Grupo Vassourinhas de Pernambuco, bem como o samba e o chorinho. A formação e instrumentação particulares acabaram gerando o que se denominou de “frevo de trio”, ou “frevo eletrizado” (RIBEIRO, 2011, p. 38).

Apenas alguns anos depois, em 1956, Orlando Campos inova com a confecção de uma estrutura metálica feita de alumínio a partir de latas de querosene. A modificação tornou-se necessária para suportar o crescente

4. Relato extraído de entrevista com Armandinho Macedo (A HISTÓRIA do trio elétrico, 2012).

número de amplificadores e músicos em cima de um trio elétrico (RIBEIRO, 2011?, p. 40).

Em seguida, com a chegada de Armandinho Macedo, insere-se na sonoridade do trio elétrico influências do rock inglês e americano com a utilização de pedais de distorção, influenciado por músicas como (*I can't get no*) *Satisfaction* e solos de Jimmy Hendrix. Outra novidade foi a inserção de letra nas músicas que até então eram instrumentais, deve-se a Moraes Moreira o salto, com músicas como “Assim Pintou Moçambique” (1979) e “Pombo Correio” (CHAME Gente, 2001).

Luiz Caldas representa outro marco na evolução da música de carnaval de Salvador. Até então o andamento das músicas era bastante acelerado, o que levava os foliões a inevitáveis brigas. Com o intuito de incentivar a dança, Luiz Caldas lança trabalhos semanais para a música que viria a ser conhecida como Axé, como foi o caso de “Fricote” em 1985. O músico desde então se afasta da sonoridade da guitarra baiana, adicionando o som de teclados e sintetizadores à música de trio (ASSIS, 2017, p. 271).

## 2.3 TRANSIÇÕES

Oficialmente, em 2000, um DJ assumiu o comando de um trio elétrico pela primeira vez em Salvador. Na verdade, dois: DJ Mau Mau e DJ John Carter. A ideia veio da já consagrada artista carnavalesca Daniela Mercury, cuja inspiração foi a *Love Parade* alemã:

Daniela Mercury percebeu que era possível utilizar pick-ups em cima dos trios elétricos, uma vez que buscou inspiração nos festivais europeus como, por exemplo, o *Love Parade*, um dos eventos mais significativos que acontece anualmente no verão alemão, na cidade de Berlim, desde o ano de 1989 (COSTA, 2011, p. 108)

A ousadia do Trio Tecno, como foi batizado no ano de sua estreia, não agradou a todos. O trio não terminou seu percurso sem que fosse, antes, vaiado por diversos foliões que reprovavam a nova sonoridade eletrônica (SANCHES, 2000). Não obstante, a arte está em constante evolução, e vinte anos depois mais um DJ sobe ao trio, e, se houve vaias, ninguém ouviu: era a vez do DJ Alok<sup>5</sup> assumir o trajeto Barra/Ondina em

5. DJ Alok, como é conhecido o também produtor Alok Achkar Peres Petrillo nascido em Goiânia,

2020.

Em duas décadas muita coisa mudou; o eletrônico, de *underground*, passou ao *mainstream*, sendo o Brasil selecionado como segundo maior mercado do mundo de música eletrônica, atrás apenas dos Estados Unidos (ASSEF, 2017b, p. 271). Antes de Alok, outros DJs internacionais também tocaram no Carnaval de Salvador, como: Fatboy Slim & David Gueta em 2008, Tiesto e Bob Sinclair (COSTA, 2011, p. 102).

No início, o DJ, Disc-jóquei ou simplesmente o discotecário, não assumia qualquer relevância artística reconhecida. Seu trabalho se limitava a trocar discos. “Os DJs são mantidos em posição secundária, tanto que estão sempre de costas para o público [...] as equipes acham mais importante impressionar os dançarinos mostrando seus amplificadores, com inúmeros botões.” (VIANNA JÚNIOR, 1987, p. 70).

Considerado como o primeiro DJ do Brasil, Osvaldo Pereira, no final 1991, é filho de Adriana Peres Franco e Juarez Achkar Petrillo, ambos DJs conhecidos como Ekanta e Swarup - fundadores do mega festival de música eletrônica que acontece todos os anos na Bahia, Universo Paralelo (OLIVEIRA, 2018).

da década de 1940, aproveitou que os clubes de grandes festas da alta sociedade paulista ficavam vazios no domingo para fazer um acordo com os donos e assim realizar bailes sonorizados com seus próprios equipamentos de som, vitrola e LPs. Os baixos preços destes eventos viabilizaram a participação de uma nova esfera da população, que dançavam ao som que parecia vir do além: os bailes ficaram então conhecidos com o nome de “Osvaldo e Sua Orquestra Invisível” - afinal, o primeiro DJ do Brasil ficava atrás das cortinas e a banda, que era o costume da época, ninguém nunca via (ASSEF, 2017, p. 25.).

Apenas no final da década de 80 é que o foco passa para a figura do DJ:

[DJ] Marlboro fez demonstrações de bateria eletrônica e de scratch em vários bailes. Pensei que aquilo poderia ser o início de um novo tempo para o DJ carioca, que deixaria de ser o animador de baile para ser a estrela de um espetáculo que depende muito do virtuosismo técnico individual. Um processo parecido com o que aconteceu em Nova York, quando os DJs subiram com toca-discos e tudo para os mais famosos palcos da cidade (VIANNA JÚNIOR, 1987, p. 119)

Saindo de trás das cortinas, o DJ

assume papel fundamental, muitas vezes criando um verdadeiro culto à sua figura, como ficou conhecida a época dos *DJ's Superstars*, ainda na década de 90 (ASSEF, 2017b, p. 178). Um desses DJs foi justamente o DJ Mau Mau, que, no ano de 2000, foi convidado por Daniela Mercury a subir no trio elétrico.

Desde então, o fenômeno da expansão da música eletrônica andou lado a lado com os avanços tecnológicos de produção musical, barateamento de equipamentos, *homestudios* e pela forma com a qual o mundo se conectou via internet neste começo do século XXI:

As novas tecnologias sonoras determinam o avanço estético da música eletrônica. O surgimento de novos suportes digitais e até mesmo analógicos abrem o leque da experimentação e descoberta de novos timbres sonoros e colagens. Novos suportes são capazes de propor novas estéticas (SOUZA, 2009, p. 45)

Assim, uma nova demanda surgiu, um novo mercado se abriu e um público sedento por novidades, quicá cansado do reinado de mais de trinta anos de Axé Music, criou as circunstâncias necessárias para a consagração de uma nova música de Carnaval em Salvador.

Analisa-se, a seguir, o curioso caso de sucesso mundial da banda ganhadora do Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Alternativa em 2019, o Baiana System.

## 2.4 O CURIOSO CASO BAIANA SYSTEM

As peças que formam esse quebra-cabeça não são poucas. O certo é que a banda baiana, formada em 2009, vem cativando o coração dos foliões, ainda que ninguém consiga, ao certo, definir o que toca, afinal, o Baiana System.

O nome dá uma direção: o *Baiana* vem de “guitarra baiana”, tradição já antiga no carnaval de Salvador, com mais de setenta anos desde sua estreia na Avenida Sete. É nas mãos de Roberto Barreto que ela recupera seu fôlego em cima do trio. O músico traz influências de grandes guitarristas nacionais, como o próprio Armandinho, e internacionais, como Carlos Santana. (IZEL, 2017)

Já o *System* vem da cultura do *Sound System*, famoso movimento cultural iniciado na década de 40 na ilha da Jamaica, e levada ao Reino Unido ainda nos anos 50, por imigrantes jamaicanos incentivados a trabalharem

em terras britânicas com a flexibilização das leis de imigração, que fez parte do plano de reconstrução do país durante o período pós-guerra. Este fluxo ficou conhecido como a diáspora jamaicana e influenciou fortemente a cena eletrônica, com suas enormes caixas de som, DJs e Mestres de Cerimônia (BREWSTER; BROUGHTON, 2014, p. 49).

Este movimento cultural exerceu forte influência no vocalista do grupo, Russo Passapusso, como ficou conhecido o Roosevelt Ribeiro de Carvalho, nascido em Feira de Santana, em 1983. É aí que ele encontra suas raízes musicais. Tendo sido o vocalista também do grupo *Ministereio Público*, ele bebeu na fonte não só do *reggae*, *dub* e *rap*, mas também do samba, do cancionero e do regional, mais uma peça essencial na criação sonora do Baiana System (IZEL, 2017).

O baixista do grupo também é fundamental: conhecido como *SekoBass*, seu primo é ninguém menos que Gerônimo Santana, autor do *hit* (entre outros tantos) “É d’Oxum”, uma espécie de hino extra-oficial da capital baiana. Os anos durante os quais tocou com o grande músico foram extremamente

determinantes na sua formação musical, e é possível escutar com clareza sua influência nas linhas de baixo das músicas do Baiana System<sup>6</sup>.

O guitarrista é o também produtor Juninho Costa, ou Junix, o qual traz a influência do rock ao grupo, com seus timbres e pedaleiras. O percussionista é o conhecido Japa System, que durante muito tempo foi percussionista do projeto Timbalada, bem como do Terra Samba. Com o anseio por novos projetos, aceitou o convite para participar do grupo Baiana System, e assim trouxe sua bagagem de percussão baiana, adicionando também a sonoridade da tão característica percussão eletrônica (AMORIM, 2017, p. 39).

Outra vertente forte eletrônica é a de João Milet Meirelles, formado em Composição e Regência pela Universidade Federal da Bahia, trazida por seus sintetizadores e softwares digitais como o Ableton Live: “é o sistema eletrônico como mais um instrumento dialogando com o grupo” (MEIRELLES, 2018, p. 31).

6. Com meu primo e referência na minha música @geronimosantanaoficial ... Grande mestre da música Baiana e influência de muitos artistas ... Salve Geronimo Santana.” (SEKOBASS, 2016).

Este lado mais eletrônico também foi acentuado pelo DJ e produtor Mahal Pita:

Um marco importante para o BS [Baiana System] foi a entrada de um segundo músico de live electronics no grupo em 2014, o produtor musical Mahal Pita. Ele trouxe com sigo [sic] uma outra perspectiva de produção em base eletrônica e também de referência musical. Mahal trouxe para o grupo sua pesquisa no pagodão urbano de Salvador dentro do contexto eletrônico. Essa pesquisa vinha de antes, dentro do projeto que ele tinha com o produtor musical Rafa Dias. Somos responsáveis por diferentes funções dentro do live electronics do BS. Eu fico mais com as bases, a forma da música, efeitos, processamentos e algumas linhas de sintetizador ao vivo; Mahal fica com a execução de peças percussivas eletrônicas e linhas de synth ao vivo. (MEIRELLES, 2018, p. 28)

Hoje quem assume os teclados é o maestro, arranjador e pianista Ubiratan Marques. A banda, inclusive, não se fecha: a participação de artistas como BNEGÃO, Tropkillaz, Antônio Carlos e Jocáfi, entre tantos outros, bem como o projeto de músicas remixadas por DJs consagrados, faz com que a banda se mantenha em constante renovação a

cada novo projeto.

### 3. CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa apresentada por este artigo, o surgimento do trio elétrico foi motivado por uma nova invenção, o “pau elétrico”, que ficaria conhecido como guitarra baiana. Desde então, ou seja, desde 1950, a cada curva que a festa ia tomando, sempre impulsionada por sua música, é possível apontar alguma novidade, muitas vezes tecnológica, como foi o caso também da estrutura metálica acoplada a um caminhão para garantir a maior amplificação do som, ou a utilização de pedais de distorção por Armandinho.

É com o Trio Tecno que a pioneira Daniela Mercury traz pela primeira vez a figura do DJ para cima do trio elétrico, ainda no ano 2000. A partir daí, e ao longo de longos vinte anos, muitos outros DJs assumiram o mesmo posto, nem sempre com a aprovação dos foliões.

Não obstante, a única constância é a própria mudança, e assim, inexoravelmente, o novo sempre vem. E o novo veio através do grupo Baiana System.

Uma nova estética pós-axé music foi gerada através da cultura experimental antenada dos músicos e artistas do carnaval de Salvador. Sem abandonar suas raízes, através da guitarra baiana de Beto Barreto, das influências do baixo de SekoBass, da cultura do *Sound System* por Russo Passapusso, bem como do samba, pagode, *dub*, reggae, e com o mundo eletrônico do DJ Mahal Pita e João Meireles, trazido por seus sintetizadores e softwares digitais, a banda Baiana System representa hoje um novo fazer musical que encantou o soteropolitano carnavalesco.

#### 4. REFERÊNCIAS

AMORIM, Jordi Santos Gomes. Para o trio motô: um convite à reflexão acerca da indústria da música no carnaval. Orientadora: Profa. Dra. Carla de Araújo Risso. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26894>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ASSEF, Claudia. Todo DJ já sambou: a história do disc-jôquei no

Brasil. 2. ed. São Paulo: Music Non Stop, 2017.

ASSEF, Claudia; MELO, Alexandre de. Ondas tropicais: biografia da primeira DJ do Brasil: Sonia Abreu. São Paulo: Matrix, 2017.

ASSIS, Alfredo José Moura de. Música popular: arranjo como dimensão do compor. Orientador: Prof. Dr. Paulo Costa Lima. 2017. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24656>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BREWSTER, Bill; BROUGHTON, Frank. Last night a DJ saved my life: the history of the disc jockey. Ed. revisada. Nova York: Grove Press, 2014.

CHAME Gente: a história do Trio Elétrico. Direção Mini Kert. Produção Executiva: Augusto Casé e Preta Gil. São Paulo: Dueto Filmes, 2001. 1 vídeo (1:00:19). Publicado pelo canal de Leonardo Bazico. Disponível em: [https://youtu.be/v\\_soz9M8j5w](https://youtu.be/v_soz9M8j5w). Acesso em: 11 nov. 2022.

COSTA, Juliana Cunha. Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural soteropolitana. Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19870>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GLENDAY, Craig (editor). Guinness World Records. Londres: Jim Pattison Group, 2022. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/74853-largest-street-carnival>. Acesso: 11 de nov. 2022.

LARGEST STREET CARNIVAL. In: Guinness World Records. London: Guinness World Records Limited, 2022. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/74853-largest-street-carnival>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A HISTÓRIA do trio elétrico: 60 anos de trio: parte 1/6. Direção: Isabela Lorangeira e Luiz Hohenfeld. Publicado pelo canal de Luiz Hohenfeld. Salvador [s.n.], 2012. 1 vídeo (9:10). Disponível

em: <<https://youtu.be/PJGJo4WkVLM>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

IZEL, Adriana. Saiba o porquê Baiana System é uma das bandas mais celebradas do país. Em entrevista ao Correio, o guitarrista Roberto Barreto fala sobre o trabalho do grupo. Correio Braziliense, Brasília, 05 dez. 2017. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/12/05/interna\\_diversao\\_arte,645412/saiba-o-porque-baiana-system-e-uma-das-bandas-mais-celebradas-do-pais.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/12/05/interna_diversao_arte,645412/saiba-o-porque-baiana-system-e-uma-das-bandas-mais-celebradas-do-pais.shtml). Acesso em: 01 dez. 2020.

MEIRELLES, João Milet. Infusão: a arte de caminhar nas brechas: caminhos de um músico digital. Orientador: Prof. Dr. Joel Barbosa. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Interpretação e Criação Musical) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28450>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BAHIA (Estado). Secretaria do Turismo. Pesquisa de caracterização e

dimensionamento do turismo receptivo e avaliação de serviços durante o Carnaval de Salvador, 2020. Relatório de resultados. Salvador: Secretaria de Turismo, 2020. Disponível em: [http://www.observatorio.turismo.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Relatorio\\_Pesquisa\\_Carnaval\\_2020.pdf](http://www.observatorio.turismo.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Relatorio_Pesquisa_Carnaval_2020.pdf). Acesso: 11 de nov. 2022.

MICHAJLOWSKY, Alexei Figueredo. Tecnologias eletrônicas no Projeto Prisma (1984-1987). Orientadora: Profa. Dra. Carole Gubernikoff. 2014. Tese (Doutorado em Música) - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/unirio/11276>. Acesso em: 13 dez. 2022.

OLIVEIRA, Carla Letícia Pereira. Um universo paralelo na Bahia: o império underground da música eletrônica. Orientadora: Profa. Dra. Suzana Oliveira Barbosa. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador,

2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26720>. Acesso em: 13 dez. 2022.

RIBEIRO, Rafael Sampaio Rosa. Na trajetória do trio : a canção do carnaval baiano entre uma mirada mágica e os espaços da alegria (1968-2010). Orientadora: Profa. Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10168>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SANCHES, Pedro Alexandre. "Trio tecno" de Daniela Mercury é vaiado. Folha de S. Paulo, São Paulo, 06 de mar. 2000. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0603200014.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SEKOBASS. Música + Grave = SekoBass. Tumblr. 2016. Disponível em: <https://sekobass.tumblr.com/>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de.

Música eletrônica e cibercultura: ideias em torno da sociabilidade, comunicação em redes telemáticas e cultura do dj. Orientador: Prof. Dr. André Luiz Martins Lemos. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33164>. Acesso em: 13 dez. 2022.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos. Orientador: Prof. Dr. Gilberto Velho. 1987. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/187154.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

---

Ana de Almeida Andrade

Estudante de graduação de Música Popular na Universidade Federal da Bahia. Habilitação em Piano, Arranjo e Composição.

E-mail: [adandrade@ufba.br](mailto:adandrade@ufba.br)